

Comunicação, Consumo cultural e Educação: o discurso do prefeito na telenovela *Meu Pedacinho de Chão*¹

Dayse Maciel de ARAUJO²
Maria Aparecida BACCEGA³

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP), SP

Resumo

O objetivo principal deste trabalho é analisar a produção de sentido do texto de um personagem, da telenovela *Meu pedacinho de chão*, sobre a questão do analfabetismo em nosso país. Passados 43 anos entre a primeira e a segunda produção da narrativa audiovisual, o autor Benedito Ruy Barbosa revisita a temática relacionada à exclusão do ensino formal de expressiva parcela da população brasileira (aproximadamente 14 milhões de pessoas ou 8,6% de pessoas acima de 15 anos). A relevância desse produto midiático é o fato de ter sido produzido e veiculado em dois contextos socioeconômicos e políticos diferentes. O autor traz para a discussão no cotidiano que, apesar dos avanços econômicos e tecnológicos no Brasil, o analfabetismo não foi eliminado. A abordagem deste trabalho desenvolve-se com base nos fundamentos teóricos da Análise de Discurso de linha Francesa, notadamente os de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Incluem-se também os conceitos da interface comunicação/consumo cultural de Maria Aparecida Baccega e da comunicação/educação de Adilson Citelli.

Palavras-chave: comunicação e consumo cultural; comunicação e educação; telenovela e analfabetismo; *Meu pedacinho de chão*.

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar a produção de sentido das palavras utilizadas no discurso de um personagem da teleficção *Meu pedacinho de chão* sobre a questão do analfabetismo em nosso país. Este tema é abordado por Benedito Ruy Barbosa, autor da teledramaturgia, tanto na narrativa original quanto na atual. A nossa interpretação buscará identificar, no texto do prefeito “Das Antas”, as paráfrases e metáforas utilizadas por Barbosa para revelar sua visão crítica, como sujeito autor, dirigindo-se aos sujeitos espectadores da telenovela tanto dos anos 1970 quanto em 2014.

A teledramaturgia contou com duas versões. A primeira *Meu Pedacinho de Chão* foi coproduzida e exibida simultaneamente pela Rede Globo (emissora privada) e pela TV

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 4 – Grupo de Pesquisa Ficção Seriada do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas do Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing ESPM-SP, email: daysema@terra.com.br

³ Doutora e Livre Docente (Universidade de São Paulo - ECA-USP/Brasil); decana do PPGCOM-ESPM-SP, email: mbaccega@espm.br; mbga@usp.br

Cultura (emissora pública estadual de São Paulo), entre 16 de agosto de 1971 e 6 de maio de 1972, com 185 capítulos. Foi a primeira novela educativa da TV Globo (GLOBO.COM - Memória Globo, 2014), ajudando a firmar na grade de programação o horário das 18h para a teledramaturgia. A segunda, produzida também pela Rede Globo, estreou em 7 de abril de 2014, com uma trama diferente, sotaque caipira e estética de fábulas infantis.

A análise se desenvolve com base nos fundamentos teóricos da Análise de Discurso de linha Francesa (ADF), notadamente Michel Pêcheaux e Eni Orlandi. Incluem-se também os conceitos das interfaces comunicação/consumo cultural de Maria Aparecida Baccega e comunicação/educação de Adilson Citelli.

Os resultados das nossas análises indicam que a intenção do autor da telenovela visou trazer para o diálogo do cotidiano o fato que, no Brasil, a despeito dos avanços econômicos e tecnológicos entre 1971 e 2014, o analfabetismo não foi eliminado.

2 A telenovela *Meu pedacinho de chão*

2.1 A primeira versão da telenovela

A trama contou a história da professora Juliana, que chega à fictícia Vila de Santa Fé para ensinar às crianças e se depara com um povo humilde e acuado com os desmandos do coronel Epaminondas. O homem é arrogante, resolve tudo no grito e nas armas e dita as regras na região. A história era um drama rural e transmitia ensinamentos úteis aos trabalhadores e à população do campo. Os autores contavam com informações fornecidas pelas secretarias municipais de Agricultura e Saúde para escrever sobre vacinação, desidratação infantil, higiene e técnicas agrícolas. Com o desenvolvimento do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), na época, a novela também abordou o problema do analfabetismo no campo, levando personagens adultos às salas de aula.

Ao assumir o governo do estado de São Paulo, Laudo Natel convidou Benedito Ruy Barbosa para exercer o cargo de assessor especial do governo junto à Presidência da TV Cultura. Assim, Barbosa teve a oportunidade de escrever essa novela rural e educativa. E declarou que:

a proposta de Pedacinho foi mostrar o problema do homem do campo, ensiná-lo sobre as doenças (tracoma, tétano, verminose), levá-lo para uma sala de aula, dar-lhe melhores condições de higiene e ao mesmo tempo mostrar o desinteresse das classes patronais (fazendeiros e autoridades) pelo camponês analfabeto, sem questionar nunca sua miséria e seus problemas. Como este foi o período de desenvolvimento do Mobral, eu tentei com Pedacinho ajudar este projeto de ensino o qual, na época, eu acreditava.

O projeto para a novela veio de uma pesquisa de *marketing* que apontou o formato de telenovela como a melhor forma de atingir o grande público.

2.2 A segunda versão da telenovela

Na segunda versão, *Meu Pedacinho de Chão* é a 83ª “novela das seis” produzida pela Rede Globo. Escrita por Benedito Ruy Barbosa em parceria com sua filha Edilene Barbosa e seu neto Marcos Barbosa, a trama estreou em 7 de abril de 2014 e a previsão é que a emissora veicule entre 104 e 120 capítulos da telenovela.

O diretor Luiz Fernando Carvalho optou por apostar no tom de fábula e criar um universo lúdico, no qual se misturam figurinos circenses, animação, sotaque caipira e estética do século XIX. A cidade cenográfica, que forma o vilarejo de Vila Santa Fé, se assemelha a uma cidade em miniatura. Inclui igreja, comércios, casas dos personagens e uma estação de trem com uma grande linha férrea. Em algumas cenas, o interior da moradia do Coronel Epaminondas é mostrado como se fosse uma casa de bonecas, sem uma das paredes, com os atores em movimento. Neste cenário de contos de fadas, as casas são revestidas de lata, as árvores são coloridas e cobertas com mantas de crochê e os animais, que são de madeira, movem-se articulados, como em um carrossel. Fernando Sampaio, o Marimbondo de “Meu Pedacinho”, é pai de Tomás Sampaio, o intérprete de Serelepe, que trabalham juntos no circo Zanni, em São Paulo. Os dois foram procurados pela Rede Globo, já que esta buscava um menino de circo para integrar o elenco. Para viver o personagem, Tomás precisou fazer aulas de canto, voz e prosódia devido ao sotaque caipira.

A nova novela é completamente diferente da versão (1971-72) exibida em preto e branco. Benedito Ruy Barbosa informou que não é um *remake* da teledramaturgia exibida em 1971, trata-se de um *reboot* (reinicialização). Ou seja, é um relançamento de uma história com uma inflexão da série, não necessariamente seguindo a continuidade anterior, mas mantendo apenas os elementos mais importantes, que são considerados os melhores ou mais funcionais para começar tudo novamente, desde o início.

Em entrevista, Barbosa (Globo.com, GShow, 2014) esclareceu: “Eu pensei em fazer um *remake*, mas quando eu estava começando a trabalhar, pensei assim: é uma oportunidade de eu dizer as coisas que a censura não deixava. E eu pude começar a falar de política, de saúde, de educação. Essa novela não tem nada da outra, só os nomes dos personagens e das localidades.”

A princípio, parece que a emissora buscou atrair as crianças, mas a mensagem é uma só, atemporal. A nova “Meu Pedacinho” aborda metaforicamente os problemas do homem do campo e da cidade sem acesso à educação formal de qualidade e a tratamento de saúde.

2.3 Contexto socioeconômico da narrativa

Embora o período da trama não esteja explícito, observa-se, pelo contexto da história, a passagem da economia baseada na agricultura para a fase de urbanização e industrialização. No processo de industrialização, a região Sudeste do Brasil teve o maior movimento de atração de imigrantes, representado pelo comerciante italiano Giácomo na trama de Barbosa, que saíam de suas regiões de origem em busca de trabalho.

Enquanto, no meio rural, a miséria e a pobreza estavam presentes em virtude da falta de infraestrutura, os grandes centros urbanos eram impelidos a melhorar suas realidades. Assim, o que se observou, principalmente nas décadas de 1940 a 1980, foi a ampliação no acesso aos serviços e ao comércio, a concentração e a melhor qualidade nos sistemas de saúde e educação, o crescimento significativo nos meios de transporte e a pavimentação de ruas, avenidas e estradas.

Conforme veremos mais adiante, a disputa pelo poder na Vila de Santa Fé colocará em confronto o Brasil rural e o país em processo de industrialização. O primeiro é representado pelo Coronel Epaminondas, que se opunha à introdução de uma escola e de um posto de saúde na localidade que julgava ser sua. A modernização da *Vila* é exaltada pelo seu oponente na política, o prefeito “Das Antas” que, em seu discurso magnânimo, se refere às benfeitorias como conquista de “todos”.

Já o Coronel Epaminondas disse, em determinado capítulo, que “os tempos são outros, o que vale é a palavra”, isto é, não era mais possível usar a violência para tomar o poder. Ele reconhecia que, no novo contexto político e social, as palavras e as leis tomavam o lugar das armas.

Detectamos neste embate as reflexões de Álvaro Vieira Pinto (1979, p. 128). O autor afirma que apropriação da cultura por uma parcela da sociedade de menor representatividade é a raiz da separação de classes. Este segmento detém os bens materiais de produção e também “as ideias, as criações artísticas e ideológicas que tais operações propiciam”. Ao deter a parte ideal e subjetiva da cultura, a classe dominante acaba se apoderando do próprio homem “enquanto tal, em sua qualidade de instrumento produtivo” (Idem). Para manter o privilégio, o *status quo* precisa ser perpetuado, naturalizado e

reproduzido pelas gerações seguintes. Assim, a classe que detém o poder hegemônico necessita que sua ideologia reverbere por toda a sociedade, usando as palavras como instrumento de persuasão. Como diz Bakhtin (2002, p. 46), “o signo (palavras) se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes”.

Ao pensar a mídia como prática discursiva, produto de linguagem e processo histórico, Maria do Rosário Gregolin (2007, p. 13) observa a necessidade de “analisar a circulação dos enunciados, as posições de sujeito aí assinaladas, as materialidades que dão corpo aos sentidos e as articulações que esses enunciados estabelecem com a história e a memória.”

Nossa proposta neste trabalho é realizar um exercício neste sentido. Benedito Ruy Barbosa manteve, na nova trama, o sistema latifundiário arcaico em confronto com o novo sistema político. Este traz, em seu funcionamento, práticas de corrupção e clientelismo como forma de receber apoio nas eleições.

2.4 Telenovela e Consumo Cultural

Não há como ignorar a onipresença dos meios de comunicação nos dias atuais, operadores culturais constitutivos da sociedade contemporânea.

Afinal, toda telenovela narra uma história que está inserida em um contexto histórico e social. Lembramos aqui, também, o conceito, empregado por Michel Pêcheux, de estatuto social da memória, espécie de conjunto de costumes sociais guardado na memória e não sistematizado. Esse estatuto carrega consigo informações comuns ao coletivo, que permitem a interpretação ou a produção de um discurso de acordo com os signos utilizados pela sociedade.

Da mesma forma, as características guardadas na memória são buscadas para se constituir um discurso. Cada formação discursiva traz na bagagem outros discursos que, inconscientemente, são esquecidos. Porém, de alguma maneira, encontram-se presentes no novo discurso. Como observa Orlandi (2010, p. 33): “o interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determina o que dizemos”. É nesse interdiscurso que estão as referências para o dizer.

Telenovela e educação

Um dos significados da palavra “educação” (FERREIRA, 1999, p. 718) é o processo de desenvolvimento “da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social.”

A percepção é a de que a educação e – também – a saúde são condições mínimas para a participação social e exercício de cidadania, além de chaves para uma sociedade mais justa e igualitária. Inferimos que Benedito Ruy Barbosa observou a diferença entre a realidade e a sociedade almejada, tanto no contexto de 1971-72 quanto no de 2014.

Esse pensamento não é novo, visto que vivemos num país em que há quase 13 milhões de analfabetos com idade acima de 15 anos (IBGE, 2011). No entanto, não se trata somente de analfabetismo como formação, uma vez que vimos que não é só educação formal que falta, mas também a conscientização das possibilidades de uma vida plena no mundo em que se encontra. Nesse ponto, recorremos aos saberes de Paulo Freire (1981, p. 20) para aprofundar o princípio da educação.

Para ele, “a educação, qualquer que seja o nível em que se dê, se fará tão mais verdadeira quanto mais estimule o desenvolvimento desta necessidade radical dos seres humanos, o de sua expressividade”. Para o autor, a educação é, então, um método de formar cidadãos pela ação concreta e tomada de consciência da verdadeira condição, sobretudo dos oprimidos pelas divisões econômicas. Em sua visão, “a condição básica para a consciência é que seu agente seja um sujeito, isto é, um ser consciente” (Idem, p. 107). Assim, enquanto ser consciente, o indivíduo se torna sujeito da produção de sua inteligência do mundo, não apenas receptor do que lhe é passado, quer na escola ou outro lugar. Um dos outros lugares, em nossa visão, é a telenovela atual de Barbosa, a qual marca posição no campo da educação informal, através de sua voz, na polifonia da sociedade.

Inferimos que Benedito Ruy Barbosa quis chamar a atenção para o índice de analfabetismo no Brasil a despeito da euforia relacionada aos índices atuais da economia brasileira. De acordo com o autor, em 1971 a telenovela foi escolhida como o melhor agente de comunicação para ensinar a população a proteger sua saúde e como realizar as melhores práticas no campo da agricultura. Neste aspecto, consideramos este produto midiático uma materialidade de consumo cultural, um veículo de enunciados que vão além do entretenimento. A apropriação de sentidos do exercício da cidadania no campo da educação destaca-se na narrativa de hoje e na anterior. E esta interface da comunicação e consumo é fundamental para formação do sujeito crítico, como nos ensina Baccega:

Outro aspecto a destacar é a forte relação do consumo com a educação, formal ou não, processo social no qual se pode formar o cidadão crítico. Para tal formação, para que o sujeito consiga ser atuante na construção de nova realidade social, é imprescindível que tenha condições de se relacionar reflexivamente com o consumo. Dizemos que este está no bojo do campo comunicação/educação, por ser este o lócus privilegiado da formação dos sentidos sociais, palco da guerra permanente entre o que existe e o que há de vir, território da luta entre as agências na disputa pela constituição dos significados sociais, do próprio consumo e dos valores que vão se resignificando de acordo com o espaço e tempo da práxis. Forma-se, portanto, uma intrincada rede de intercâmbio de significados entre consumo e comunicação, alicerçando-se um ao outro. Os estudos dessas relações ainda incipientes, ainda que sejam fundamentais, pelo menos, por dois motivos: a formação do sujeito crítico, como dito anteriormente; a necessidade de conhecimento da sociedade da qual emergem os produtos culturais e a para a qual se destinam esses produtos, ou seja, o conhecimento da totalidade do processo comunicacional que “nasce” e “retorna” a essa sociedade, revela que, sem conhecer a sociedade do consumo, fica difícil pesquisar e refletir sobre comunicação. (BACCEGA, 2014, p. 54).

3 Análise de Discurso (ADF)

3.1 Critérios metodológicos: os fundamentos teóricos da ADF

Orlandi relata que a Análise de Discurso Francesa surgiu na década de 1960 devido a duas rupturas. A Análise de Discurso visou desvendar não o que um texto *quer dizer* e sim como um texto *funciona*.

O objetivo da Análise de Discurso, segundo Eni Orlandi (2007, p. 31), é descrever o funcionamento do texto. Isto é, explicitar como um texto produz sentido. O foco do analista de discurso deve ser demonstrar os mecanismos dos processos de significação que governam a textualização da discursividade. Há necessidade, na análise do discurso, de uma passagem da noção de *função* à de *funcionamento* – onde se encontram as regularidades – e da construção de um dispositivo analítico baseado na noção de efeito metafórico. A metáfora é constitutiva do sentido.

Para interpretar o texto do discurso do prefeito “Das Antas”, tomamos primeiramente como referência Baccega, a qual defende a pertinência da Análise de Discurso de Linha Francesa (ADF) para os estudos de comunicação:

Dada a complexidade do campo da Comunicação, lugar para onde convergem os discursos sociais e de onde emergem os discursos outros que, amplificados pela tecnologia, ocupam espaços e promovem silêncios, consideramos que a ADF é muito mais eficaz para as pesquisas de Comunicação. (BACCEGA, 1998, p. 81).

Entretanto, é necessário pontuar que faz parte da ADF a sua incompletude. A produção de sentidos depende de muitos fatores: do contexto, do lugar de fala do sujeito, da retórica com a intenção de persuadir, da imagem que o locutor tem de si mesmo e do seu ouvinte, do dito/não dito dos quais emerge o interdiscurso (memória), do esquecimento semiconsciente (a escolha do modo de falar) e inconsciente (o que foi apagado, censurado), do que está implícito via paráfrases ou no sentido polissêmico, das figuras de linguagem presentes no texto, da entonação e do ritmo do enunciador e até da linguagem não verbal e imagética.

Segundo Fiorin (2007, p. 41-42), “o enunciador é o suporte da ideologia, vale dizer, de discursos que constituem a matéria-prima com que elabora seu discurso. Seu dizer é a reprodução inconsciente do dizer de seu grupo social. Não é livre para dizer, mas coagido a dizer o que seu grupo diz.”

Para reconhecer a ideologia recorremos ao que nos ensina Orlandi (2010, p. 77), percorrendo as etapas de análise: “estas etapas de análise têm, como seu correlato, o percurso que nos faz passar do texto ao discurso, no contato com o *corpus*, o material empírico.” E acrescenta que “a ideologia pode ser compreendida como a direção nos processos de significação.”

O processo da escrita: as subjetividades do *sujeito autor*, *sujeito analista* e do *sujeito leitor*

Apreendemos, pela visão de Eni Orlandi, que o papel do analista de discurso é oferecer diferentes leituras de um texto a um *sujeito leitor*.

A pesquisadora explica que o gesto do analista é determinado pelo dispositivo teórico enquanto o gesto do *sujeito autor* é determinado pela sua formação, pela sua ideologia. E lembrando que no momento da leitura do texto analisado estão presentes as subjetividades, simultaneamente, do *sujeito autor*, do *sujeito analista* e ainda do *sujeito leitor*.

Ao escrever, o analista deverá explicar a produção de sentidos que levaram à sua proposta de leitura, relacionando a base teórica à metodologia utilizada. Esse processo é importante porque dará visibilidade ao leitor do seu posicionamento. Nas palavras da pesquisadora:

é a leitura, a escuta, desses gestos que o analista põe à disposição de seu leitor. Desse modo ele não fecha o movimento de sua escuta em si mesmo.

Ele a expõe. A sustenta sem impô-la. O analista torna possível a não transparência ao olhar sujeito, acentua o efeito da alteridade aí inscrito e eleva o sujeito a perceber-se significando na relação com os sentidos. (ORLANDI, 2007, p. 51).

Orlandi recomenda, enfaticamente, que a compreensão deve preceder a interpretação. E, através da escrita, isto deve ficar claro ao leitor. Apenas após a compreensão do discurso é que o analista interpretará os resultados com base nas teorias disciplinares selecionadas para esta finalidade. Em suas palavras: “o trabalho do analista não é interpretá-lo, mas interpretar os resultados de sua análise.” (Idem, p. 53).

3.2 Análise do *corpus*

Elegemos, para este trabalho, analisar a fala de um personagem que representa uma autoridade municipal. Trata-se do prefeito “Das Antas” que, na cena veiculada no dia 14 de abril de 2014, inaugura uma escola na vila de Santa Fé, a qual fazia parte do município. Para dirigir a escola, o prefeito contratou uma jovem bela e idealista, a professora Juliana.

Ela veio da capital para viver sozinha na vila, com o intuito de trabalhar para diminuir o número de analfabetos do local. Na cerimônia, para a qual toda população da vila foi convidada, o prefeito “Das Antas”, diante de uma faixa onde se lia “O homem vale pelo que sabe”, profere um discurso, entrega a chave da escola para docente e a apresenta aos seus alunos.

Para Orlandi (2010, p.15), “o discurso é a palavra em movimento, prática da linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. A nossa análise parte do pressuposto de que os personagens expressam a ideologia do autor Benedito Ruy Barbosa. A interpretação buscará identificar como o texto funciona.

Formação discursiva: discurso de político ufanista, lugar de fala de autoridade:

“Esta pátria. A pátria de ocêis, não termina no limite destas terras. Nem nos limites das Antas. Ela vai além, muito além. Hoje é que verdadeiramente seus limites estão sendo alargados. Com seus tratores, com suas máquinas, rasgando os sertões, abrindo caminhos novos, estradas. E atrás das máquinas vai o progresso.

E o que é o progresso? O que é o progresso? O progresso, pra que ocêis entendam bem, é a venda do seu Giácomo, é a igreja do Padre Santo, é a escola que hoje, com a graça de Deus, nós tamo inaugurando. E ocêis são os impulsionadores desse progresso que nós tamo vendo nascer aqui. Ocêis que lavram essa terra abençoada, ocêis que

plantam, ocêis que coiem, ocêis que trabalham de sor a sor, ocêis são o progresso! As veis, ocêis não sabem, mas ocêis são muito importantes para essa pátria. Tanto quanto os operários que trabalham nas indústrias. Tanto quanto os engenheiros que projetam pontes estradas e cidades. E tanto quanto os médicos e os cientistas.

Porque é através do esforço de cada um que se constrói como se está construindo este Brasil grande e forte! Mai com esta Pátria que nós veneramos nós temos acima de tudo, um grande dever. O dever de aprender.

Um homem vale pelo que sabe!

Muitos de ocêis, até mesmo a maioria de ocêis, não sabe ler nem escrever. E não existe defeito maior do que a ignorância. Por isso e para isso é que nós construímos essa escola. Eu não digo, eu construí, porque, na verdade, foi ocêis que construíram. Ocêis que se uniram nessa tarefa que os enaltece, que os dignifica! Ocêis que levantaram esse templo do saber! Esta escola é realmente o primeiro grande marco do progresso de Santa Fé.

E nenhum de ocêis pode, mai nenhum de ocêis pode, negar-se a aprender aqui, ou de negar que seus filhos aprendam e frequentem esta escola como se fosse a sua segunda casa.

Dona Juliana, a nossa professora, que deixou o conforto e a comodidade da cidade grande, para vir assumir a direção dessa escola, será a mestra de todos. E eu sei que saudades a senhora sentirá muita dos seus, da sua gente, da sua terra. Espero que cada um de ocêis faça o possível para que ela viva momentos de alegria aqui em Santa Fé.

Profundamente emocionado eu lhe entrego a chave da sua escola e os seus alunos. Viva a professora Juliana! Viva a professora!”.

O poder hegemônico e dominação

“A pátria de ocêis, não termina no limite destas terras. Nem nos limites das Antas. Ela vai além, muito além.”

O Coronel Epaminondas, o dono das terras onde estava a vila de Santa Fé, mantinha todos sob o seu jugo e se apropriava da vida dos habitantes daquele local. Determinava o que as pessoas podiam falar ou fazer e era contra que se alfabetizassem e cuidassem de sua saúde na própria vila. Exercia um tipo de escravidão branca em relação aos seus empregados. O prefeito “Das Antas” sentia que, diante da opressão, havia uma oportunidade para ganhar a confiança dos residentes da vila. Veladamente, estava em disputa quem seria o novo dono das pessoas, pois o discurso não é neutro. A intenção é tomar o lugar do Coronel Epa, seu adversário político na disputa pelo cargo de prefeito. E,

no seu discurso, acena com a liberdade – *A pátria de ocêis, não termina no limite destas terras* – procurando seduzir os que atenderam ao seu convite para celebrar a inauguração da escola.

Estrutura social: as instituições

“O progresso pra que ocêis entendam bem, é a venda do seu Giácomo, é a igreja do Padre Santo, é a escola que hoje com a graça de Deus, nós tamo inaugurando.”

No contexto político do local havia um desejo latente na comunidade de libertar-se da opressão imposta pelo Coronel Epaminondas. Na trama, estava em curso a passagem do “coronelismo”⁴ para a democracia mais participativa. O prefeito “Das Antas” tinha consciência de que era necessário compartilhar o poder para manter-se no cargo executivo municipal e suceder o Coronel com outro tipo de domínio sobre o povo. Enaltece o padre Santo e abre espaço para a Igreja exercer sua influência sobre a população. Valoriza o comerciante Giácomo, o qual intermedeia a produção e o consumo. Simultaneamente os equipara a uma instituição nobre como a escola (*templo do saber*). Engrandecendo-os, publicamente, de forma subliminar, os compromete a apoiá-lo nas futuras eleições.

A escola a serviço do capital

“Porque é através do esforço de cada um que se constrói como se está construindo este Brasil grande e forte!”

No texto “como se está construindo este Brasil grande e forte” está implícito, pelo não-dito, que o país era pequeno e fraco por estar atrasado no desenvolvimento econômico. Apreende-se que o prefeito se refere apenas aos aspectos econômicos porque no início de discurso ele equiparou comerciantes, médicos, cientistas e engenheiros ao mesmo nível de valor perante a sociedade local. O prefeito sabia que a sociedade estava em transição. E ele almejava ser mais que um protagonista dos novos tempos. Com sua retórica persuasiva (*oceis que trabalham de sor a sor, oceis são o progresso*), queria ser o novo herói, o condutor e o mestre de uma comunidade que, pelas suas mãos, evoluiria socialmente. A escola e a figura doce da professora era a “barricada” pacífica contra as armas e os jagunços do Coronel Epa.

⁴ 'Coronelismo' é o termo criado para designar certos hábitos políticos e sociais próprios do meio rural brasileiro, onde os grandes proprietários rurais, chamados de 'coronéis', exerciam absoluto domínio sobre as pessoas que viviam em suas terras ou delas dependiam para sobreviver. O fenômeno tem raízes profundas na tradição patriarcal brasileira e no arcaísmo da estrutura agrária do país. (SCHILLING, Voltaire).

“Mai com esta Pátria que nós veneramos nós temos acima de tudo, um grande dever. O dever de aprender. Um homem vale pelo que sabe! Muitos de ocêis, até mesmo a maioria de ocêis, não sabe ler nem escrever. E não existe defeito maior do que a ignorância.”

Naquele momento o país se modernizava e passava da economia rural para industrial ([...] *com seus tratores, com suas máquinas, rasgando os sertões, abrindo caminhos novos, estradas. E atrás das máquinas vai o progresso.*). Portanto, novas competências e novas habilidades seriam demandadas da população. Era necessário que as pessoas soubessem ler e escrever para ocuparem os novos cargos de trabalho, tal e qual acontece atualmente, acrescido da tecnologia. No século XXI, surgiu a expressão “desemprego tecnológico”, isto é, as pessoas perdem os seus empregos por duas principais razões: atividades operacionais passaram a ser executadas por máquinas e os operadores das máquinas necessitam conhecer as novas linguagens, notadamente no campo da informática.

Neste sentido, Citelli observa que o processo pedagógico da educação formal, no mundo contemporâneo, passa por transformações uma vez que a possibilidade de buscar informações na rede de computadores gera uma revolução em diferentes setores da sociedade:

com o aporte dos meios disponibilizados pela informática, pelos sistemas digitais, pelas redes de computadores, que orientam uma revolução nos distintos âmbitos da cultura, da história, dos fluxos econômicos, das sociabilidades etc., é compreensível que o tema da educação em particular no seu âmbito formal, tenha se recolocado segundo perspectiva diferenciada que pede, de maneira crescente, o estreitamento dialógico com informações e conhecimentos gerados em fontes indiretamente escolares. (CITELLI, 2014, p.71).

A manutenção da força de trabalho

“E nenhum de ocêis pode, mai nenhum de ocêis pode negar-se a aprender aqui, ou de negar que seus filhos aprendam e frequentem esta escola como se fosse a sua segunda casa.”

Don Slater ponderou que, em termos de vida civilizada, há expectativas e aspirações tradicionais e comuns a respeito do estilo de vida entre os operários também. Assim, do ponto de vista econômico do capitalista, “o trabalho é uma variável cuja reprodução requer diferentes tipos de qualificação, disciplina, força manual e mental, alfabetização e transmissão de tudo isso à geração seguinte.” (SLATER, 2002, p. 178).

Interpretamos, na superfície do texto, a intenção do prefeito de associar a escola ao lar: *frequentem esta escola como se fosse a sua segunda casa*. A palavra casa, neste caso, é empregada como metáfora de lar. E a palavra “lar” conota um lugar de acolhimento, regeneração do corpo, local de convívio afetoso e segurança dos seus membros. Já no plano da intencionalidade, encontramos a retórica de persuasão para o engajamento dos munícipes na formação dos futuros trabalhadores alfabetizados naquela comunidade. E não escapa aos nossos olhos o tom autoritário e intimidador ao determinar que ninguém “poderia” ficar de fora da nova prática social: *mai nenhum de oçais pode negar-se a aprender aqui, ou de negar que seus filhos aprendam*. Instruir-se ou permitir que seus filhos se instruissem não era uma escolha e sim uma determinação.

Reificação do ser humano: “O homem vale pelo que sabe”

O Coronel Epa é um latifundiário e o prefeito supostamente não tem terras. A sua arma era usar a escola como um instrumento de manipulação. Ao afirmar que o homem vale pelo que sabe, longe de apoiar o direito dos cidadãos de se instruírem para exercitarem a cidadania, o homem educado torna-se reificado e disponível para ser consumido pelo sistema capitalista, prestes a se industrializar, na vila de Santa de Fé.

4 Considerações finais

Paulo Freire firmou que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1981, p. 11). No contexto de nossa reflexão, inferimos que Benedito Ruy Barbosa leu o mundo ao seu redor em dois momentos diferentes. Resgatou a memória de sua narrativa, observou as condições sociohistóricas do passado e do presente e reescreveu o seu texto. No papel de sujeito autor, não abriu mão de sua criticidade. Sua linguagem fez e continua fazendo a mediação entre os sujeitos espectadores no contexto da nossa realidade educacional. A produção de sentidos de seu enunciado sensibilizou um enunciatário que assim se referiu à telenovela:

Hélio Márcio (Comentário postado no Portal UOL em 11/06/2014):
Meu pedacinho de chão, em minha opinião é a melhor novela de todos os tempos na televisão. Se todos percebessem o recado de Benedito Ruy Barbosa, quando ele cita a cidade das Antas. O que o prefeito corrupto quer dizer nas entrelinhas sobre os seus eleitores, o exemplo do coronelismo no Brasil, através do personagem Epa; As colocações dele para o filho a candidato a prefeito. Se o menino não mentir, não será eleito. A pureza e

docilidade da Mocinha, “a fessora” que o salário foi atrasado pelo governante não atuante. O Vilão que é histórico, tão poético, tão cheio de sensibilidade e o amor puro o faz descobrir as suas essências perdidas pelo castigo da vida, por exemplo: não era letrado. Porque não dá educação para os cidadãos brasileiros os deixam a mercê da ignorância pessoal e social. Uma novela escrita no olhar de uma criança, mas todas as crianças, de diferentes idades deveriam assisti-la, pois evoca o desejo de muitos brasileiros: justiça.

Destacamos aqui o papel cultural da telenovela brasileira que, ao configurar os sentidos das palavras, nos constitui como sujeito. Em nossa interpretação, a análise do discurso do personagem prefeito “Das Antas” baseou-se no fato de que um texto sempre está inserido num contexto mais amplo, no qual o interdiscurso e o processo discursivo irão produzir os sentidos a partir da textualidade, mas sem restringir-se a ela.

Eni Orlandi (2008, p. 31) afirma que a ADF “não trabalha com a linguagem enquanto dado, mas como *fato* (grifo da autora)”. E *o fato* é que o autor escreveu suas narrativas de forma diferente, mas emitiu a mesma mensagem. Ao reafirmar, em 2014, sua crítica ao nível precário da escolaridade de uma parcela da nossa população, o autor de *Meu Pedacinho de Chão* coloca em relação: a linguagem da telenovela, sua ideologia e a sociedade brasileira.

Referências

- BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação e Consumo. In: CITELLI, Adilson... [et all]. **Dicionário de Comunicação:** escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014, p. 53-65.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso:** história e literatura. São Paulo: Ática, 2000.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem:** discursos e ciência. São Paulo: Moderna, 1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.
- CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação. In: CITELLI, Adilson... [et all]. **Dicionário de Comunicação:** escolas, teorias e autores. São Paulo: Contexto, 2014, p.65-74.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia.** São Paulo: Ática, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. Disponível em:

http://comunidades.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/A%C3%A7%C3%A3o_Cultural_para_a_Liberdade.pdf. Acesso em 23/06/2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1981.

GLOBO.COM, Gshow. ‘Não é um remake’ diz Benedito Ruy Barbosa sobre Meu Pedacinho de Chão. Extras. **Meu Pedacinho de Chão**, 27/03/2014. Disponível em: <<http://gshow.globo.com/novelas/meu-pedacinho-de-chao/extras/noticia/2014/03/nao-e-um-remake-diz-benedito-ruy-barbosa-sobre-meu-pedacinho-de-chao.html>>. Acesso em: 19/06/2014.

GLOBO.COM. Memória Globo. **Meu pedacinho de chão**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/meu-pedacinho-de-chao/acoes-socioeducativas.htm>>. Acesso em: 20/07/2014.

GREGOLIN, 2007. **Análise de discurso e mídia**: a (re) produção de identidades. Comunicação, Mídia e Consumo. v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2011**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2222&id_pagina=1>. Acesso em: 11/06/2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas (SP): Pontes, 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Terra a vista**: discurso do confronto. Campinas (SP): UNICAMP, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A escrita na Análise de Discurso. In: **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas (SP): Pontes, 2007, p. 31-57.

PINTO, Álvaro Pereira. Teoria da Cultura. In: PINTO, Álvaro Pereira. **Ciência e existência**: problemas filosóficos da pesquisa científica. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

SCHILLING, Voltaire. **Ascensão e queda do coronelismo**. Brasil, História. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/coronelismo.htm>>. Acesso em: 24/06/2014.

SERRA, Amanda. UOL Entretenimento TV e Novelas. **Meu Pedacinho de Chão**. Comentários, 11/06/2014. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/11/serelepe-de-meu-pedacinho-atua-como-palhaco-em-circo-ao-lado-dos-pais.htm#comentarios>>. Acesso em: 11/06/2014.

SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.